“A Verdadeira Face do Espiritismo”: uma expectativa proporcional à acusação

A preparação do projeto *“A Verdadeira Face do Espiritismo”*, pelo Centro Dom Bosco, naturalmente desperta expectativa. E essa expectativa é diretamente proporcional à gravidade da proposta anunciada.

Se alguém se propõe a revelar a “verdadeira face” de uma doutrina inteira, especialmente uma doutrina construída sobre extensa produção escrita, método de comparação e investigação sistemática, espera-se um trabalho igualmente extenso, rigoroso e intelectualmente honesto.

No caso do Espiritismo, isso significa uma análise séria das 23 obras de Allan Kardec que compõem o corpo fundamental da ciência espírita. Não fragmentos isolados, frases arrancadas do contexto, críticas dirigidas ao “movimento espírita” moderno como se isso automaticamente invalidasse a doutrina organizada por Kardec. O alvo da crítica, se o título do livro pretende ser intelectualmente consistente, precisa ser a estrutura doutrinária original.

Por isso, aguardamos ansiosamente a publicação da obra.

Esperamos encontrar nela nada menos do que uma demonstração ampla, racional e documental de que, ao longo dessas obras, o Espiritismo ensine algo objetivamente mau. Algo contrário ao bem., à moralidade, à elevação humana.

Espera-se uma demonstração clara de que o Espiritismo:

- estimule o egoísmo;
- desencoraje a caridade verdadeira;
- promova a crueldade;
- incentive o apego material;
- fomente o orgulho;
- destrua a responsabilidade moral;
- legitime o ódio;
- estimule a exploração do próximo;

- conduza pessoas ao vício moral;
- despreze a fraternidade humana.

Porque é exatamente esse o nível de prova exigido quando se acusa uma doutrina moral de possuir uma "verdadeira face" obscura ou perversa, como o Centro dom Bosco insiste em sustentar.

Acusações são simples. A dificuldade sempre tem sido sustentar documentalmente que uma doutrina cuja base moral insiste continuamente em caridade, responsabilidade e melhoria moral seja, em essência, algo contrário ao bem.

Existe ainda outra distinção frequentemente ignorada: uma coisa é criticar práticas, exageros, misticismos, personalismos ou deformações presentes em setores do movimento espírita moderno. Outra coisa completamente diferente é demonstrar que a codificação kardequiana, em sua estrutura original, possui essência moral negativa.

Confundir essas duas coisas é um erro lógico básico. Seria equivalente a julgar uma teoria científica exclusivamente pelos desvios de alguns de seus adeptos, sem examinar seus fundamentos.

Além disso, qualquer crítica intelectualmente séria ao Espiritismo precisaria enfrentar um ponto histórico incontornável: Allan Kardec não apresentou o Espiritismo como criação pessoal ou revelação individual. O próprio Kardec insistiu repetidamente que o Espiritismo seria um conjunto de fatos observados e organizados metodicamente através da comparação universal dos ensinos atribuídos aos espíritos. Concorde-se ou não com essa premissa, a crítica honesta precisa primeiro compreender corretamente aquilo que pretende refutar, caso contrário, o debate deixa de ser análise e se transforma apenas em caricatura.

Por isso, a expectativa em torno de *"A Verdadeira Face do Espiritismo"* é legítima. Um título tão forte exige um conteúdo proporcionalmente sólido. Se o livro realmente enfrentar, de maneira integral, documentada e contextualizada, as 23 obras fundamentais da ciência espírita, então terá produzido algo relevante para o debate de ideias. Mas se recorrer apenas a recortes, simplificações, associação emocional, episódios periféricos, confusão entre doutrina e movimento, ou ataques retóricos sem exame global da obra kardequiana, então acabará como

todas as outras: caindo no ridículo. Aguardamos.

ESPIRITISMO E MARXISMO: INCOMPATIBILIDADE FUNDAMENTAL E A CONTRADIÇÃO DO “ESPÍRITA COMUNISTA”

Como defender a caridade, o livre-arbítrio e a reforma moral individual enquanto se advoga a luta de classes, a revolução violenta e a ditadura do proletariado?

Introdução: Um Paradoxo Insustentável

Nos últimos tempos, tem-se observado um fenômeno curioso e, do ponto de vista doutrinário, profundamente contraditório: pessoas que se declaram adeptas da Doutrina Espírita ao mesmo tempo em que defendem e propagam os fundamentos do marxismo, do comunismo e de outras correntes de reforma social baseadas na luta de classes e na revolução violenta.

Este artigo não se propõe a discutir preferências políticas pessoais. O objetivo é, tão somente, demonstrar, à luz das obras fundamentais de Allan Kardec, que tais posições são **doutrinariamente incompatíveis**. Não se trata de uma questão de “esquerda” ou “direita”, mas de uma antinomia ontológica, ética e metodológica, onde defender um sistema é, por definição, negar o outro.

Como bem sintetizamos: o marxismo quer impor uma reforma social pautada no materialismo e no bem utilitário através da força e da violência. O Espiritismo, ao

contrário, fundamenta-se no livre-arbítrio, na reforma íntima e na caridade como força transformadora. Uma coisa anula a outra.

A Ontologia do Conflito — Matéria vs. Espírito

Todo o edifício teórico do marxismo repousa sobre o **materialismo dialético**. Para Karl Marx e Friedrich Engels, como expresso no *Manifesto do Partido Comunista*, as ideias, a moral, a religião e a própria consciência humana são uma **superestrutura** — um reflexo das relações materiais de produção e dos interesses da classe dominante.

No *Manifesto*, eles são taxativos:

> *"As vossas próprias ideias são produtos das relações de produção e propriedade burguesas, tal como o vosso direito é apenas a vontade da vossa classe elevada a lei." (p. 46)*

Para o materialismo histórico, a consciência do homem é determinada pela sua existência social material. O homem é, em sua essência, um ser econômico e de classe. Não há alma imortal, não há Espírito preexistente; há apenas matéria em movimento e consciência como seu reflexo.

A Doutrina Espírita, por sua vez, nasce como a **antítese declarada do materialismo**. Allan Kardec é enfático ao afirmar, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, que uma das missões do Espiritismo é exatamente combater o materialismo:

> *"Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses." (O Livro dos Espíritos, cap. VIII, item 799)*

Para o Espiritismo, o homem é, antes de tudo, um **Espírito encarnado** — um ser imaterial, inteligente, que preexiste ao corpo e a ele sobrevive. A resposta à

questão “Que é a alma?” é direta: “Um Espírito encarnado” (O Livro dos Espíritos, q. 134). A consciência, a moral e o pensamento não são meros reflexos da matéria; são atributos da alma, que é a causa, não o efeito.

Portanto, a primeira grande contradição do “espírita comunista” é ontológica: como se pode construir uma visão de mundo sobre a negação daquilo que é o pilar central da própria crença? O materialismo marxista nega a existência autônoma do Espírito; o Espiritismo existe para prová-la. Um anula o outro.

O Motor da História – Luta de Classes vs. Reforma Moral Individual

Para o *Manifesto Comunista*, o motor da história é a **luta de classes**. A obra se abre com a célebre afirmação:

> *“A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes.” (p. 29)*

A sociedade moderna está irremediavelmente cindida entre “burgueses e proletários”, e o progresso social só ocorre pelo conflito, pela exploração e, finalmente, pela revolução. A emancipação da classe operária “tem de ser obra da própria classe operária” (*Manifesto*, p. 20; prefácio de 1888, p. 14), em um movimento coletivo, antagônico e inevitável. A solidariedade que o marxismo prega é a **solidariedade de classe**, que se define por oposição a outra classe.

Para a Doutrina Espírita, o verdadeiro motor da transformação social é a **reforma moral do indivíduo**. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, Kardec analisa os sistemas socialistas utópicos de sua época (como o de Robert Owen) e aponta a razão de seu fracasso:

> *“O que lhes faltava não eram braços numerosos, mas sólidos corações. […] Seu erro é terem querido construir um edifício começando pela cumeeira, antes de ter assentado sólidos fundamentos.” (Viagem Espírita, p. 37-38)*

E qual é o fundamento sólido para Kardec? A transformação interior do ser humano. Não adianta modificar as instituições se o homem continuar egoísta, orgulhoso e avarento. Como ele mesmo afirma no mesmo discurso:

> *"Sem a caridade, não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença." (Viagem Espírita, p. 38)*

O Espiritismo propõe uma revolução inversa: primeiro o homem se transforma pela caridade, pelo autoconhecimento e pelo esforço próprio; então, essa multidão de homens transformados cria uma nova sociedade por irradiação natural. O conflito, para Kardec, é um resquício do egoísmo e da barbárie, nunca um meio virtuoso ou desejável de progresso.

O Método da Transformação — Violência e Coerção vs. Livre-Arbítrio

Esta é, talvez, a incompatibilidade mais gritante e evidente entre as duas doutrinas.

O *Manifesto Comunista* não deixa margem a dúvidas sobre os meios para se alcançar a sociedade comunista. No capítulo final, os autores declaram sem rodeios:

> *"Os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo* ***derrube violento de toda a ordem social até aqui****. Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista!" (p. 64-65)*

A linguagem é belicosa. Fala-se em "aniquilação forçada de uma massa de forças produtivas", em "guerra industrial de extermínio", e o próprio método proposto é a conquista violenta do poder político. O capitalista não é "convertido" pela razão ou pela caridade; ele é **expropriado**, seus bens são confiscados, e sua classe é destruída como tal.

O Espiritismo, em total e absoluta oposição, fundamenta-se no princípio inalienável do **Livre-Arbítrio**. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é direta:

> *"843. Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos? – Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina." (O Livro dos Espíritos, q. 843)*

O cerne da evolução espiritual é a **escolha livre e consciente**. Não se pode forçar ninguém a ser bom, e a bondade forçada não tem mérito algum. A caridade, para ser verdadeira, deve brotar do coração, não ser imposta por decretos ou canhões. O egoísta não pode ser "desapropriado" de seu egoísmo; ele precisa, por seu próprio esforço e compreensão, chegar à conclusão de que o egoísmo é prejudicial a si mesmo e aos outros.

A duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu próprio aperfeiçoamento voluntário

Em *O Céu e o Inferno*, Kardec é ainda mais claro ao explicar que a duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu **próprio aperfeiçoamento voluntário**:

> *"8º) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem." (O Céu e o Inferno, cap. VIII, item 8º)*

A reforma, portanto, é um ato da vontade individual, não uma imposição externa. O Espiritismo respeita o tempo de cada um, a escolha de cada um, o caminho de cada um. A revolução violenta, que não respeita a liberdade de ninguém, é a antítese completa desse princípio.

A hipocrisia aqui é evidente: como um espírita pode, com base na caridade e no respeito ao livre-arbítrio do próximo, defender um sistema que prega o extermínio de uma classe social ("inimigo de classe") e a ditadura do proletariado

como etapas necessárias para um bem maior? Isso é a antítese completa do "Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem".

As Provas da Riqueza e da Pobreza – Instrumentos de Evolução, não Estruturas a Serem Abolidas pela Força

Aqui chegamos a um ponto crucial, frequentemente ignorado pelos que tentam conciliar o Espiritismo com ideologias materialistas.

No Espiritismo, a riqueza e a pobreza não são meras "estruturas sociais injustas" a serem abolidas pela força. São, antes de tudo, **provas** – experiências necessárias ao aprendizado e à evolução do Espírito. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é clara:

> *"814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria? – Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência."*
>
> *"815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza? — São-no tanto uma quanto a outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos." (O Livro dos Espíritos, q. 814-815)*

A riqueza, portanto, não é um "mal em si" que precisa ser extirpado pela revolução. É uma **prova perigosa**, que pode levar o Espírito ao orgulho, ao egoísmo e à avareza – mas que também pode ser bem utilizada como instrumento de caridade e auxílio ao próximo. A pobreza, por sua vez, é uma prova de resignação, que pode levar o Espírito à revolta contra Deus ou à humildade e à paciência.

A existência dessas provas não é um acidente histórico ou uma "injustiça social" a ser corrigida pela violência. Ela é uma **característica do nosso planeta**, que se

encontra em uma fase específica de sua evolução – a de **expiações e provas**. Kardec explica que a Terra um dia se transformará, deixará de ser um mundo de provas e se tornará um mundo de regeneração. Nessa nova fase, as condições materiais serão outras, e os Espíritos que aqui encarnarão já não terão necessidade de passar pelas provas da riqueza e da miséria.

A transformação não se dará pela força

Mas essa transformação não se dará pela força. Não será uma revolução violenta que a produzirá. Ao contrário, a transformação será a **consequência natural** da evolução moral dos Espíritos que habitam a Terra. Nas palavras do próprio Kardec:

> *"O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus." (O Livro dos Espíritos, q. 1019)*

Ou seja: primeiro o homem se torna bom, por seu próprio esforço, compreensão e vontade; então, naturalmente, suas instituições se tornam boas. A violência, a coerção e a imposição de um modelo à força são métodos que pertencem ao velho mundo, ao mundo do egoísmo e da barbárie – exatamente o mundo que se quer superar.

Um "espírita comunista" que defende a expropriação forçada dos ricos está, na prática, negando a própria razão de ser da riqueza como prova. Está dizendo, em outras palavras: "A riqueza não é uma prova para o Espírito; é apenas um roubo a ser reparado pela violência". E, ao fazer isso, está propondo um método que não transforma ninguém – apenas amedronta e subjuga – e que, portanto, é inútil para o verdadeiro progresso espiritual da humanidade.

A Crítica Espírita aos Sistemas de Reforma Social

É importante notar que Allan Kardec não era ingênuo. Ele conhecia os sistemas de reforma social de seu tempo (socialismo utópico, fourierismo, owenismo) e os analisou criticamente. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, ele faz uma análise surpreendentemente aguda, que poderia muito bem ser dirigida ao marxismo:

> *"Alguns homens bem intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal em certas doutrinas de reforma social. [...] Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não visaram senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. A finalidade é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se, nesse edifício, não falta à base que, só ela, poderia consolidá-lo." (Viagem Espírita, p. 36)*

E qual é a base que falta? Kardec responde:

> *"A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade. Ela requer o devotamento mais absoluto, pois cada pessoa deve pagar de sua pessoa. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a Caridade, isto é, o amor ao próximo. Entretanto, é preciso reconhecer que a base da caridade é a crença; que a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo." (Viagem Espírita, p. 37)*

A crítica de Kardec é precisa: os sistemas de reforma social que ignoram a dimensão espiritual do homem estão condenados ao fracasso porque tentam construir a fraternidade sobre o egoísmo, a solidariedade sobre a incredulidade. O marxismo, ao negar Deus, a alma e a vida futura, remove exatamente a base que poderia sustentar a abnegação e o devotamento desinteressados.

E mais: ao tentar impor pela força o que deveria brotar do coração, tais sistemas não apenas falham em transformar o homem, como o endurecem ainda mais, exatamente como acontece com o Espírito que se revolta contra Deus diante das provações. A revolução violenta produz revolucionários amargurados, não homens de bem.

Conclusão: A Incoerência é Doutrinária, não Política

Defender o comunismo e o Espiritismo simultaneamente não é um problema de "abertura política" ou "pluralismo de ideias". É uma **contradição lógica e doutrinária fundamental**, comparável a defender o ateísmo e o sacerdócio ao mesmo tempo.

Aquele que se diz espírita e se proclama marxista ou comunista precisa, no mínimo, explicar como concilia:

Doutrina Espírita	Marxismo-Comunismo
Acredita na imortalidade e na preexistência da alma	Afirma que a consciência é um reflexo da matéria
O motor da história é a reforma moral individual	O motor da história é a luta de classes
O método é a caridade, o exemplo e a persuasão	O método é a revolução violenta e a ditadura
O progresso depende do livre-arbítrio de cada um	O progresso exige a imposição de uma nova ordem
A riqueza e a pobreza são **provas** para o Espírito	A riqueza é, por definição, fruto da exploração
A transformação social é consequência da evolução moral	A transformação social é causa da evolução do homem
O fim da desigualdade virá naturalmente com o progresso moral	O fim da desigualdade deve ser imposto pela força

Não se trata de defender o capitalismo ou qualquer outro sistema. Trata-se de reconhecer que o Espiritismo propõe um caminho próprio, original e singular: a transformação pela educação, pela fé racional, pelo exemplo e pela caridade. Abraçar a lógica marxista é, no fundo, demonstrar uma profunda **descrença no poder reformador do Espiritismo**.

É dizer, na prática, que a caridade, o amor ao próximo e o livre-arbítrio são insuficientes para mudar o mundo e que, para consertar a sociedade, a violência é necessária. É afirmar que o exemplo de Jesus – que pregou o perdão, a misericórdia e a transformação pelo amor – é impotente diante da força das armas e das barricadas.

O verdadeiro espírita compreende que as provas da riqueza e da pobreza são necessárias para o aprendizado dos Espíritos que encarnam na Terra. Ele sabe que não pode, pela força, abolir essas provas sem prejudicar o livre-arbítrio e a evolução de seus irmãos. O que ele pode – e deve – fazer é, pelo seu próprio exemplo de desprendimento e caridade, auxiliar aqueles que o cercam a compreender o verdadeiro significado da felicidade e do bem.

E quando um número suficiente de Espíritos houver compreendido isso, naturalmente a Terra se transformará, e as condições de prova darão lugar a condições de regeneração. Mas essa transformação será o resultado de um longo processo de **conscientização voluntária**, não de uma imposição violenta.

Isso, senhoras e senhores, é o oposto de tudo o que Allan Kardec nos ensinou.

O verdadeiro espírita não espera que o Estado o force a ser bom. Ele se esforça, dia após dia, por sua própria reforma íntima, certo de que é pelo exemplo, pela palavra e pela caridade que se transforma o coração humano – e que é transformando coração por coração que se transformará o mundo. Como disse Kardec em sua *Viagem Espírita*:

> *"Sede bons para com vossos irmãos, sede bons para com o mundo inteiro, sede bons para com vossos inimigos! [...] Fazei esses milagres e Deus vos abençoará." (Viagem Espírita, p. 43)*

Não há espaço, nessa visão, para o ódio de classe, para a revolução violenta ou para a ditadura do proletariado. Há apenas o trabalho silencioso, contínuo e transformador da consciência que, liberta do egoísmo, constrói, pedra por pedra, o reino do bem na Terra. Que cada um escolha o seu caminho. Mas que não chame de Espiritismo aquilo que é a sua negação mais absoluta.

Allan Kardec (Paris, 1865)

“O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois para ele também os tempos são chegados.” (A Gênese, cap. XVIII, item 23)

Seu relato pode iluminar vidas: Participe da Revista Espírita Semear

Você já viveu uma experiência que foge à explicação comum? Um pressentimento que se confirmou, uma visão, uma aparição, um ato de profunda abnegação ou até mesmo uma manifestação que acreditou ser de origem espiritual? Saiba que a sua vivência pode ser de imenso valor para o estudo e a compreensão da Doutrina Espírita.

Inspirados na metodologia de Allan Kardec, que valorizava a observação e a coleta de fatos para construir o conhecimento, a **Revista Espírita Semear** abre um espaço especial para você. Criamos um canal direto e seguro para a submissão de relatos pessoais, que serão analisados e poderão ser abordados em nossos estudos.

Que tipos de relatos podemos enviar?

O convite é amplo e abrange diversos fenômenos que despertam a curiosidade humana. Se a sua história se encaixa em algum dos tópicos abaixo, não hesite em compartilhá-la:

1. **Manifestações Materiais ou Inteligentes:** Objetos que se movem, sons sem causa aparente, comunicações inteligentes por meio de mesas, psicofonia ou psicografia.
2. **Intuição e Premonição:** Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos.
3. **Poder Oculto:** Relatos sobre o poder atribuído a certas pessoas, seja ele de cura, influência ou outro tipo, com ou sem fundamento.
4. **Visões e Aparições:** Encontros com entes queridos já desencarnados, avistamento de figuras espirituais.
5. **Fenômenos do Morrer:** Experiências psicológicas particulares que ocorrem no momento da morte de alguém próximo (sensações, coincidências marcantes).
6. **Desafios Morais e Psicológicos:** Problemas que você enfrenta e que gostaria de ver analisados sob a ótica espírita, em busca de entendimento e solução.
7. **Exemplos de Virtude:** Atos notáveis de devotamento e abnegação, cuja propagação possa servir de exemplo útil e inspirador para a comunidade.
8. **Indicações de Obras:** Sugestões de livros antigos ou modernos, nacionais ou estrangeiros, que contenham fatos ou opiniões relevantes sobre a manifestação dos Espíritos e suas relações com os homens.

Por que compartilhar sua história?

A página de submissão reforça um ponto fundamental: **a sua identidade será preservada.** A garantia é clara: *"Não se preocupe, não o divulgaremos a ninguém!"*. O foco está no fenômeno, na lição ou na mensagem, jamais na exposição pessoal.

Ao enviar seu relato, você contribui para:

- **A construção do conhecimento coletivo:** Assim como Kardec analisou centenas de casos para codificar a Doutrina, seus relatos ajudam a identificar padrões e leis universais.
- **O consolo e a fé alheia:** Sua experiência pode ser a chave que faltava para alguém que enfrenta um luto difícil ou uma crise espiritual.
- **O fortalecimento da pesquisa espírita séria:** Damos continuidade ao

método de observação e interpretação dos fatos, sem sensacionalismo, mas com a seriedade que o tema exige.

Como enviar seu relato?

O processo é simples, seguro e está disponível no site do **Geo Legado de Allan Kardec**. Basta acessar o link abaixo, preencher o formulário com o seu relato (lembrando de focar na descrição clara e objetiva dos fatos) e enviar.

➡ **Link para submissão:** https://staging.geolegadodeallankardec.com.br/submissao-de-relatos-pessoais/

Não deixe para depois. A sua história, guardada em silêncio por tanto tempo, pode ser a luz que ilumina o entendimento de muitos. Seja um colaborador ativo da Revista Espírita Semear. Envie seu relato hoje mesmo e faça parte desta corrente de estudo e evolução!

Espiritismo, método científico e o equívoco da exclusão epistemológica

A afirmação de que o Espiritismo não pode ser considerado ciência porque envolveria metafísica parte de um erro conceitual duplo: desconhece o **critério histórico de cientificidade** e ignora o **papel estruturante da metafísica no próprio desenvolvimento das ciências modernas**. Quando esse erro é corrigido, a objeção simplesmente não se sustenta.

No século XIX, ciência não era definida pelo objeto estudado, mas **pelo método empregado**. É nesse ponto que o Espiritismo original, tal como sistematizado por **Allan Kardec**, se ancora de modo rigoroso na tradição científica reconhecida de

sua época — tradição esta que permanece válida em amplas áreas do conhecimento atual.

Com colaboração de Ariane Netto.

O método da concordância e a ciência empírica

O método central utilizado por Kardec foi o **método da concordância**, formalizado por **John Stuart Mill** em *A System of Logic* (1843). O princípio é claro: quando um fenômeno ocorre em múltiplos casos independentes e apenas um elemento comum se repete em todos eles, esse elemento é identificado como causa ou parte essencial da causa.

Esse método não é periférico. Ele fundamenta:

- a epidemiologia observacional,
- a clínica médica pré-experimental,
- a sociologia comparativa,
- a biologia evolutiva,
- a linguística histórica.

Negar validade científica ao Espiritismo por empregar esse método implica negar, por coerência lógica, o estatuto científico dessas áreas. Não se trata de analogia; trata-se de **identidade metodológica**.

Kardec aplicou o método de forma estrita: comunicações obtidas por médiuns diferentes, em países distintos, sem contato entre si; rejeição sistemática de mensagens contraditórias; eliminação da autoridade do médium como critério; primazia da convergência factual. Isso caracteriza uma **ciência de observação**, exatamente como definida no século XIX e ainda praticada hoje fora do laboratório fechado.

Reprodutibilidade: padrão, não repetição mecânica

Um erro recorrente é exigir do Espiritismo a mesma forma de reprodutibilidade da física experimental. Isso é epistemologicamente inválido. Diversas ciências reconhecidas não reproduzem eventos idênticos; reproduzem **padrões sob condições variadas**. A regularidade observada, não a repetição mecânica, é o critério racional.

O Espiritismo kardeciano atende a esse critério. A negação disso exigiria descartar também história, geologia, paleontologia e cosmologia — áreas que inferem causas e entidades a partir de efeitos observáveis, não diretamente instrumentais.

Metafísica como fundamento da ciência, não seu oposto

A tentativa de desqualificar o Espiritismo chamando-o de "metafísica" falha por ignorar um dado elementar da história das ideias: **a ciência moderna nasceu metafísica**.

Sem os pressupostos ontológicos e conceituais elaborados por **Gottfried Wilhelm Leibniz**, em especial na Monadologia, a ciência não teria se organizado como se organizou. Conceitos como substância, identidade, causalidade, lei, continuidade e unidade não são empíricos; são **metafísicos**. Ainda assim, são indispensáveis para qualquer prática científica.

Leibniz introduziu:

- unidades fundamentais não extensas,
- causalidade interna,
- correlação sistemática entre fenômenos sem contato direto.

Nada disso era observável empiricamente à época, mas tudo isso **orientou o desenvolvimento da matemática, da física e da lógica modernas**. O mesmo vale para Descartes, Newton e toda a ciência clássica. Eliminar a metafísica retrospectivamente é reescrever a história para atender a um preconceito contemporâneo.

Kardec e a inversão correta da metafísica dogmática

Importa notar: Kardec não construiu um sistema metafísico fechado e depois buscou fatos para confirmá-lo. Ele fez o inverso. Partiu de fenômenos observados e **extraiu apenas as consequências ontológicas mínimas exigidas pelos dados**. Isso não é metafísica especulativa; é metafísica derivada de observação — exatamente como ocorre em outras ciências.

A objeção moderna ao Espiritismo não é metodológica. É **ontológica e cultural**. O desconforto não está no método, mas no objeto. Confundir essas duas coisas

não é ciência; é ideologia epistemológica.

Conclusão

Negar o caráter científico do Espiritismo kardeciano exige, por coerência, negar:

- a indução em ciências não experimentais,
- o método comparativo,
- a reprodutibilidade por convergência,
- a inferência a partir de dados mediatos,
- e o papel histórico da metafísica na ciência.

Essa posição não é sustentável. Ou se aceita que o Espiritismo original é uma **ciência de observação**, com limites claros e método definido, ou se redefine "ciência" de forma tão estreita que grande parte do conhecimento hoje reconhecido cai junto.

O problema, portanto, não está no Espiritismo. Está no critério adotado para julgá-lo.

Comunicação Espiritual, Autoridade Eclesiástica e Contradição Doutrinária: uma leitura crítica do "Manuscrito do Purgatório"

A obra conhecida como **"Manuscrito do Purgatório"** ocupa um lugar particular dentro da literatura católica de natureza mística. Sua narrativa descreve um intercâmbio contínuo entre a religiosa **Irmã M. d. I. C.** e o espírito da falecida **Irmã M. G.**, cuja voz, segundo o relato, instrui, admoesta, esclarece e comenta

sua própria condição no estado pós-morte, ao longo de anos. O texto, ao ser avaliado e declarado livre de erro doutrinário por teólogos e autoridades eclesiásticas, adquire valor espiritual e disciplinar interno.

Esse reconhecimento institucional, no entanto, expõe um dilema teológico e disciplinar. A **doutrina católica oficial nega a possibilidade de comunicação espontânea e habitual entre vivos e mortos**, permitindo-a apenas sob o regime de um milagre excepcional e com finalidades estritamente delimitadas. Em termos catequéticos, trata-se de um **evento extraordinário, não de uma lei natural**, e qualquer tentativa humana de evocação direta deve ser rejeitada, associando-a tradicionalmente à superstição ou ao demônio.

Entretanto, o conteúdo narrativo do livro contradiz essa formulação. Não há fenomenologia episódica. Há continuidade, instrução progressiva, detalhamento do estado espiritual da comunicante, e regularidade temporal. Em resumo, **há mediunidade**, independentemente da nomenclatura devocional aplicada. Logo, a obra apresenta uma tensão irreconciliável entre **a formulação dogmática declarada e a prática espiritual descrita**.

A estratégia de exceção permanente

Para resolver esse conflito, a obra mobiliza um expediente retórico: qualifica o fenômeno como um "privilégio", uma "visita permitida por Deus", e portanto **não como comunicação mediúnica natural**, mas como "graça mística singular". Esse deslocamento semântico não altera a natureza do fenômeno; apenas o protege institucionalmente.

Trata-se do mesmo mecanismo histórico utilizado para justificar as experiências visionárias de místicos católicos — seja Catarina de Siena, Teresa d'Ávila ou o Cura d'Ars —: quando ocorre sob tutela eclesiástica, **o diálogo com o além é "milagre"**; quando ocorre fora dela, **é "ilusão", "heresias", "espiritismo" ou "ação demoníaca"**. O critério não é ontológico nem moral — é **jurisdicional**.

A lei natural versus o privilégio teológico

O contraste com a perspectiva metodológica espírita é instrutivo. Allan Kardec não define o fenômeno como concessão mística, mas como lei da natureza espiritual: **os espíritos comunicam porque vivem, pensam, lembram e**

habitam outra dimensão da realidade, e não por serem invocados em regime de exceção milagrosa. A abordagem kardeciana exige:

- observação sistemática
- crítica e comparação das mensagens
- universalidade do ensino
- controle de mistificação
- ausência de autoridade pessoal como critério de verdade

Já o manuscrito católico recorre ao critério inverso: **autoridade eclesial = legitimidade; ausência de autoridade eclesial = suspeição demoníaca**. Não há metodologia; há **ratificação hierárquica**. O fenômeno é idêntico — apenas a estrutura de validação difere.

A contradição interna irreversível

Se, conforme o dogma, a comunicação espiritual verdadeira é raríssima e sempre extraordinária, como justificar **uma comunicação registrada ao longo de mais de uma década**, com frequência regular e detalhamento progressivo? Uma exceção com permanência temporal deixa de ser exceção e assume a forma de **norma empírica**. O manuscrito, portanto, **não confirma o dogma católico — ele o viola pela prática**.

O texto pretende defender a ortodoxia; porém, ao documentar com naturalidade um processo de intercâmbio espiritual, revela inadvertidamente **a insuficiência da proibição e a artificialidade do "milagre restrito" como mecanismo disciplinar**.

Conclusão

O "Manuscrito do Purgatório" funciona como testemunho involuntário da viabilidade e continuidade do diálogo entre os dois planos da existência — justamente aquilo que a doutrina católica sustenta ser impossível fora de exceções miraculosas. A obra não demonstra a fragilidade do fenômeno espiritual, mas sim a fragilidade do **regime de controle discursivo sobre o fenômeno**. A contradição não reside no fato espiritual — reside **na tentativa institucional de monopolizá-lo**.

O manuscrito, ao invés de negar a mediunidade, a confirma — apenas muda seu nome para preservá-la no terreno da exclusividade clerical. O que se prova, assim, não é a inviabilidade do intercâmbio espirituais, mas o esforço histórico da Igreja para **administrar o acesso ao invisível**, e não para negá-lo em sua essência.

UMBRAL, "NOSSO LAR" E OUTRAS IMAGENS: DEMOLIÇÃO SISTEMÁTICA

Tese: as imagens de um plano espiritual materializado — colônias muradas, umbral geográfico, espíritos armados, economia de "bônus-hora", sopas, casinhas e hospitais — são mitos incompatíveis com os princípios centrais da Doutrina Espírita. Kardec submeteu tais ideias à análise — jamais as consolidou.

1. Colônias espirituais e "Nosso Lar"
Afirmação comum: o além é estruturado em cidades e colônias, com muros, ministérios e residências fixas (como em *Nosso Lar*).
Refutação: a identidade espiritual é moral, não arquitetônica. A forma e o ambiente são criações fluídicas, moldadas pelo pensamento e pela evocação. Espíritos lúcidos descrevem o meio espiritual como estados de consciência, não como cidades edificadas. Conclusão: mito das colônias muradas — derrubado.

2. Umbral como local geográfico de sofrimento
Afirmação comum: o "umbral" é região intermediária, zona densa e purgatorial.
Refutação: o sofrimento decorre da consciência culpada e da fixação mental no erro. Espíritos permanecem ligados aos locais de seus crimes até se renovarem moralmente, não por prisão territorial, mas por afinidade mental. "Umbral" é metáfora para o estado de perturbação pós-desencarne, não espaço físico. Conclusão: mito do umbral geográfico — derrubado.

3. Batalhas espirituais e defesas energéticas

Afirmação comum: Espíritos se protegem de ataques com dardos elétricos, campos de força ou muralhas.
Refutação: Espíritos inferiores não suportam a presença dos superiores. A ação entre planos é moral, não bélica. A simples irradiação do bem dissolve qualquer tentativa de hostilidade. Conclusão: mito das armas espirituais — derrubado.

4. Economia espiritual e "bônus-hora"
Afirmação comum: o bem gera créditos espirituais contabilizáveis.
Refutação: o mérito não é quantificável. O bem é espontâneo, livre, desinteressado. Substituir a moral por contabilidade é corromper o princípio da liberdade da consciência. Conclusão: mito do "bônus-hora" — derrubado.

5. Espíritos alimentando-se de substâncias sutis
Afirmação comum: Espíritos "tomam sopas" ou "suquinhos" em zonas espirituais.
Refutação: a "fome" espiritual é desejo moral, não necessidade orgânica. Espíritos apegados à matéria projetam ilusões alimentares até libertarem-se. Conclusão: mito da sopinha — derrubado.

6. Necessidade de abrigo físico
Afirmação comum: Espíritos residem em casas, com móveis, camas e utensílios.
Refutação: não há frio, calor nem fadiga corporal. A ideia de habitação física expressa apenas analogia mental. Espíritos vivem em comunidades de afinidade, sem dependência material. Conclusão: mito da casinha — derrubado.

7. Forma corporal e identidade espiritual
Afirmação comum: Espíritos conservam feições e corpos fixos.
Refutação: a forma é produto do pensamento; só se mantém quando evocada ou desejada. O reconhecimento espiritual se dá pela essência, não pela aparência. Conclusão: mito da forma fixa — derrubado.

8. Hospitais espirituais
Afirmação comum: existem hospitais e enfermarias no plano espiritual, onde Espíritos "doentes" recebem tratamento médico.
Refutação: a dor espiritual é moral, não orgânica. Não há corpos a medicar, nem tecidos a regenerar. O chamado "tratamento" é assistência moral e esclarecimento, conduzido pela influência dos bons Espíritos e pela educação da vontade. As descrições de salas, leitos e instrumentos são traduções simbólicas da ação fluídica e pedagógica sobre Espíritos ainda presos às impressões da matéria.

Conclusão: mito dos hospitais espirituais — derrubado.

Conclusão geral
A Doutrina Espírita, em sua base kardecista, é desmaterializadora. O mundo espiritual não replica o mundo físico: é campo de consciência, de moralidade e de afinidade vibratória. Kardec jamais consolidou a ideia de colônias, umbrais, hospitais ou economias espirituais — porque, diante da análise comparativa e racional, tais concepções não resistem. Insistir nelas é abandonar a observação e retornar ao materialismo sob forma de fantasia religiosa.

O Brasil e a Ilusão da Pátria do Evangelho: A Quimera Roustainguista no Movimento Espírita

Introdução: A promessa frustrada de uma missão espiritual

O Brasil, com sua riqueza natural incomparável e sua posição geoestratégica, tem sido repetidamente apontado como um país do futuro. No entanto, esse "futuro" parece nunca chegar. Em meio a essa expectativa permanente, surgiu uma narrativa peculiar dentro do movimento espírita brasileiro: a ideia de que o Brasil seria a "Pátria do Evangelho". Essa tese, nunca prevista por Allan Kardec ou pelos Espíritos da Codificação, ganhou força após a publicação do livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, atribuído ao espírito Humberto de Campos e psicografado por Chico Xavier.
Longe de representar uma missão autêntica ou uma promessa divina, essa ideia se transformou numa muleta emocional e ideológica, utilizada por instituições como a FEB para perpetuar sua influência e manter o povo em uma ilusão

paralisante.

O desvio doutrinário: quando a FEB se tornou uma trincheira roustainguista

Fundada em 1884, a Federação Espírita Brasileira passou por uma guinada decisiva em 1895, com a ascensão de Bezerra de Menezes à sua presidência. Adepto das ideias de Jean-Baptiste Roustaing, Bezerra promoveu a integração das teses roustainguistas à prática institucional da FEB. Roustaing defendia um Espiritismo místico, fortemente influenciado por interpretações dogmáticas e por ideias como o corpo fluídico de Jesus e a infalibilidade de certos médiuns.

Essas posições contrariavam diretamente a proposta de Kardec, que sempre defendeu o controle universal do ensino dos espíritos, a pluralidade das fontes e a razão como critério de análise. A substituição progressiva do Espiritismo racional, experimental e filosófico por uma versão sentimentalista e dogmática criou uma cisão profunda no movimento.

A mistificação do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”

Publicado em 1938, esse livro tornou-se um dos pilares da mitologia institucional da FEB. A obra apresenta uma narrativa altamente simbólica, repleta de elementos sobrenaturais e afirmações inverificáveis, que posicionam o Brasil como um instrumento direto da providência divina.

O trecho mais polêmico da obra afirma que Kardec contou com a colaboração de Roustaing como um dos pilares da Codificação. Essa afirmação não apenas é falsa como também ofensiva à memória e ao método kardequiano. Roustaing se colocava em oposição a Kardec, rejeitando o critério de exame racional e substituindo-o por uma crença dogmática e personalista.

A recente remoção silenciosa do nome de Roustaing das apostilas do ESDE, sem qualquer retratação ou nota pública, evidencia o modus operandi da FEB: apagar os rastros de sua orientação doutrinária sem jamais admitir seu erro.

As consequências dessa ilusão para o povo brasileiro

Ao promover a ideia de que o Brasil tem uma missão divina já garantida, cria-se uma cultura de passividade espiritual. O povo brasileiro, já fragilizado por um histórico de desigualdade, corrupção e impunidade, encontra nessa narrativa uma justificativa para a inércia: afinal, se a Providência escolheu o Brasil, tudo dará certo no fim.

A falta de educação moral real, como proposta em O Livro dos Espíritos (questões 614 a 625), somada à ausência de senso crítico e de participação cívica, permite que médiuns fascinados e instituições dogmáticas manipulem milhões. Em vez de promover a emancipação da consciência, como é o verdadeiro objetivo do Espiritismo, essas práticas mantêm os indivíduos infantilizados espiritualmente.

O verdadeiro papel do Brasil à luz do Espiritismo de Kardec

Kardec nunca apontou nações como detentoras de missões exclusivas. Em A Gênese, cap. XVIII, item 27, ele afirma que "os grandes movimentos progressistas se operam geralmente de maneira simultânea em várias partes do globo". A missão, portanto, é sempre moral, individual e coletiva, nunca nacionalista ou predestinada.

A verdadeira redenção do Brasil não virá por decreto espiritual, mas pelo trabalho dos homens de bem, conforme descrito em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XX, item 5: "Os verdadeiros 'obreiros do Senhor' são todos aqueles que se colocam a serviço do bem com dedicação e desinteresse".

Portanto, o Espiritismo pode sim desempenhar um papel fundamental na reconstrução moral do Brasil, mas apenas se for o Espiritismo de Kardec — não o dogmático, nem o manipulador.

Conclusão: O Brasil ainda pode se redimir — mas com Kardec, e não com ilusões

Se existe uma missão reservada ao Brasil, ela é condicional: depende do despertar da consciência moral, da reforma íntima, da superação do personalismo

e do retorno às bases sólidas da Codificação. Nada disso acontecerá com a perpetuação de mitos, mistificações ou livros apócrifos travestidos de doutrina que, infelizmente, estão há tempos injustamente titulados como “espíritas”.
O Espiritismo no Brasil está em um ponto de inflexão. Cabe aos espíritas sérios e comprometidos com a verdade fazerem a distinção entre a Doutrina dos Espíritos e o sistema institucional comprometido com o passado. Somente então o Brasil poderá começar a cumprir, com dignidade e razão, seu verdadeiro papel no futuro espiritual da humanidade.

Por Marcus Vinicius

Linguagem Específica da Ciência Espirita

Você sabia que a maioria dos que se dizem espíritas... não conhecem o Espiritismo? Nem usam a linguagem específica da ciência espiritas para explicar seus fenômenos e seus conceitos.

Ser espírita não é questão de adesão emocional, nem de consumir romances supostamente “espíritas”.
Ser espírita é estudar com seriedade a Ciência Espírita, compreendendo seus fundamentos e colocando em prática seus princípios — como ensinava Allan Kardec.

O Espiritismo é uma doutrina de estudo, razão e observação. Trocar essa ciência por ficção é um enorme mal causado ao Espiritismo. Como é uma **Ciência Filosófica** ela deve ser estuada com os termos científicos específicos.

Ne época de Kardec, as **Ciências Filosóficas** faziam parte do ensino.

Na Universidade de Sorbone, sec XIX, as disciplinas eram divididas em: a) As ciências exatas ou matemáticas. b) As ciências naturais, que estudam os objetos do mundo físico (física, química, biologia etc.). **c) As ciências morais, que estudam o mundo moral, o qual compreende as ações e pensamentos do**

gênero humano. Dentre as ciencias morais, a divisão eram 4: 1. As ciências filosóficas, divididas em duas classes: psicológicas (psicologia, lógica, moral, estética) e metafísicas (teodiceia, psicologia racional, cosmologia racional) ; 2. As ciências históricas (história, arqueologia, epigrafia, numismática, geografia) estudam os acontecimentos e o desenvolvimento humano no tempo; 3. As ciências filológicas (filologia, etimologia, paleografia etc.), que têm como objeto a linguagem e a expressão simbólica humana; 4. As ciências sociais e políticas (política, jurisprudência, economia política), que estudam a vida social do ser humano.

Quando Allan Kardec lançou sua Primeira Edição da Revista Espírita de 1858, logo a definiu na sua introdução ao justificar seu título Jornal de Estudos Psicológicos. **A Ciência Espirita é, segundo seu tempo apresentado no quadro acima: Ciência Moral**

Como Ciência, sua linguagem é especifica dos elementos dessa ciência para todos se entenderem. Os termos são extremamente importantes para haver uma comunicação adequada das ideias espiritas. Nós vemos, hoje em dia, uma mistura da ciência totalmente materialista do nosso tempo em que não se considera o estudo das hipóteses Metafísicas, por exemplo. Além disso, misturarem palavras de um em outro. Por causa disso, há uma confusão de conceitos do Materialismo misturado com o estudo dos assuntos do Espirito, que se estuda também metafisicamente.

Daremos alguns exemplos do uso equivocado de termos materialistas que passam despercebidos:

1. **USE PSICOFONIA – NÃO USE INCORPORAÇÃO:** nós vemos muitos palestrantes ou mesmo descrições de manifestações em textos dito espíritas que se usa o termo incorporação. Espirito não é matéria para ocupar um lugar físico. Espirito não incorpora nenhum corpo. nem seu próprio espirito incorpora você. O Espirito fala pelo médium através de uma fenômeno chamado PSICOFONIA. O espírito do médium está COM ele e não incorpora seu corpo físico. Esse ponto é bem importante para não criar a falsa ideia de que o médium é possuído por outro espirito, ou que o espírito comunicamente toma o corpo do médium, ou mesmo que o espirito do médium vai para outros lugares enquanto o médium está em

psicofonia. Isso não existe na Ciência Espirita!

2. **A AÇÃO DO ESPIRITO É TÃO E SOMENTE PELO SEU PENSAMENTO**: espírito não tem corpo material. Segundo os estudos da Ciência Espirita, Deus criou 2 elementos gerais: ESPÍRITO E MATÉRIA. Espirito não tem analogia no nosso mundo material. Períspirito é matéria. O material de que é feito o períspirito é desconhecido para nós, mas mesmo sem conhecermos as características dele, é matéria. Períspirito não faz parte do espirito, assim como períspirito não é espirito. O espirito age através e tão somente pelo pensamento . Como exatamente isso acontece ainda é desconhecida por nós, mas há varias teorias dentro das livros que explicam esse mecanismo (leia A Gênese, cap. XIV – Os Fluidos.)
3. **USE EMANAÇÃO OU PROPAGAÇÃO – NÃO USE ENERGIA:** o termo energia é definida na Física como capacidade de um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho. Em termos figurados(não científicos), energia é vigor ou potência moral; filosoficamente falando, segundo Aristóteles, ação de um motor físico ou metafísico (a metafísica, não é considerado ciência nos tempos de hoje) que permite a atualização de uma potencialidade. Veja, todas as definições levam em conta algo físico agindo sobre algo físico. Um dos princípios da Ciência Espirita é de que somos uma alma encarnada. Se somos uma alma, não temos corpo, logo não poderá ser uma energia(algo físico) saindo do espirito ou alma(não físico) e chegando em um corpo(físico). O mais apropriado seria uma emanação ou mesmo propagação .
4. **USE ESPÍRITO – NÃO USE MENTE:** usa-se mente por outras áreas da ciência atual materialista. Alguns confundem mente com cérebro; cérebro é um orgão do corpo, cérebro é matéria. Como a Ciência Materialista não admite o espirito como hipótese, ele atribui ao cérebro o processo de pensar, mas não foi isso que os espíritos explicaram. Segundo a Ciência Espirita, através de sua observação, quem comanda o corpo é o espirito e não o cérebro. O cérebro envia os comandos. O cérebro nasce, vive e morre e o espirito permanece e leva com ele os conhecimentos adquiridos por várias encarnações. Quem tem e leva o conhecimento é o espírito não a mente. Quem pensa é o espirito. Você que entende a doutrina espirita sabe disso e sempre usa Espirito ao invés de Mente, não é?
5. **USE "COMO SE FOSSE UMA VIBRAÇÃO" – NÃO USE "VIBRAÇÃO"**

ISOLADAMENTE AO FALAR DE FENOMENOS ESPÍRITAS: há hipóteses do mecanismo propriamente dito (vide item 2) e tão somente hipóteses. Usar o termo vibração pode levar a crer que o fenômeno espirita é uma onda como estudada na Física Ondulatória, onde apresenta diferentes tipos de ondas e vibrações diferentes, etc.

6. **USE PERISPÍRITO – NÃO USE FANTASMA:** quem estuda a Ciência Espirita, sabe que há fenômenos de aparições que remetem a essas figuras que impressionam nosso imaginário. Mas não passam de espíritos e seus fenômenos para muitas vezes brincar ou assustar os encarnados. Espirita ter medo de espirito não existe!
7. **ESTAMOS SEMPRE NO MUNDO ESPIRITUAL**: segundo a Ciência Espirita, quando encarnados vivemos em um mundo dual: mundo da matéria e mundo do espirito. Quando morremos, desencarnamos, ou seja, deixamos a matéria, mas CONTINUAMOS NO MUNDO ESPIRITUAL. Não use mais os termos "ele morreu e foi para a pátria espiritual"(Ele já estava no mundo dos espíritos); "agora vai encontrar seus entes que já morreram"(os seus entes queridos nunca estão longe. Lembra que os Espíritos não ficam em nenhum lugar?(vide item 1); "ele nos deixou", etc
8. **USE CAUSA E EFEITO – NÃO USE LEI DE CAUSA E EFEITO:** A causalidade é geralmente considerada um princípio fundamental, e não uma lei específica, no contexto filosófico e científico. Ela descreve a relação de causa e efeito entre eventos, onde um evento (a causa) é entendido como a razão por trás da ocorrência de outro evento (o efeito). A causalidade é um princípio fundamental que ajuda a entender a natureza da relação entre causa e efeito, e é utilizado em diversas áreas, desde a física e as ciências naturais até a filosofia e o direito. **Embora a causalidade seja frequentemente referida como "lei da causa e efeito", ela não é uma lei científica no sentido de uma relação quantitativa e experimentalmente verificável, como as leis da física. Ela é mais um conceito ou princípio que descreve a natureza da relação entre causa e efeito. A causalidade é importante para a compreensão do mundo ao nosso redor, pois permite identificar as causas de fenômenos e prever seus efeitos. Ela é fundamental para a ciência, a tecnologia e a vida cotidiana, pois nos ajuda a entender e interagir com o mundo de forma mais eficiente.** Um exemplo: Imagine em uma caçada, um animal é abatido com um tiro e morre. O efeito é a morte. A causa foi o disparo da espingarda. Não foi uma Lei. Na

Ciência Espirita, Kardec usou muito desses princípios para explicar os efeitos inteligentes das manifestações espiritas inteligentes. Lá ele explica que para todo efeito inteligente há uma causa inteligente. Há inúmeros relatos nas obras dele.

9. **USE PROVAS E EXPIAÇÕES – NÃO USE KARMA(OU CARMA):** Karma e Espiritismo são como água e óleo: não se misturam. Cuidado com as pessoas que pregam a doutrina do karma dentro do meio espírita, pois o entendimento da Doutrina Espírita vai no sentido oposto.(clique no link para ler a explicação completa).
10. **USE ESPIRITO ESTACIONADO – NÃO USE RETROGRADAÇÃO**: muitos misturam outras doutrinas reencarnacionistas com a ciência dos espíritos.. Segundo a Ciência Espirita, nós, espíritos, quando estamos mergulhados em imperfeições, como orgulho e egoísmo. Assim ficamos estacionados como em looping e não evoluímos. Mas isso não quer dizer que estamos voltando e vamos reencarnar em animais. Isso só quer dizer que ESTACIONAMOS NO PROCESSO EVOLUTIVO! O espirito de um ser humano nunca perde o conhecimento que teve anteriormente, então ele nunca reencarnará como animal por causa de suas imperfeições. Ele simplesmente não progredirá até se arrepender e retornar sinceramente ao bem.
11. **QUEM REGENERÁ SERÃO OS ESPIRITOS DO PLANETA TERRA – O PLANETA TERRA NÃO REGENERÁ**: o Planeta não vai mudar e daí os espíritos vão ter que evoluir. Não existe DATA LIMITE, ANO, SÉCULO nem nada. É o inverso! Os espirito que estão no planeta que vão evoluir. Vai ser simplesmente quando a maioria dos espíritos encarnados estiverem mais evoluídos, não precisando mais de provas e expiações para evoluir. Um dia o Planeta terra se extinguirá como qualquer outro planeta também será. Essa é a ordem do universo material que conhecemos.
12. **USE ESPIRITO PURO – NAO USE ESPIRITO PERFEITO:** O ideal de perfeição é Deus, então nunca um espirito vai ser um espirito perfeito. O espirito vai chegar a perfeição relativa ao seu grau evolutivo. Espirito Puro é aquele que não precisa mais reencarnar para evoluir pois já não sofre influencia da matéria. Mesmo sendo puros, eles vão evoluir (Lei do Progresso)
13. **PASSE NÃO É TRANSFERENCIA DE ENERGIA:** vide item 3

Se você lembrar de alguma expressão equivoca, só deixar um comentário.

Por que a Educação Precisa Urgentemente da Visão Espírita: O Que a Ciência Espírita Revela Sobre as Crianças

Descubra por que a visão espírita sobre a infância pode transformar a educação. Entenda como a Doutrina Espírita revela tendências espirituais e aponta caminhos para uma educação mais completa.

Queda pelo pecado: a maior mentira já contada à humanidade

A ideia da “queda pelo pecado”, associada ao dogma do inferno eterno, constitui uma das maiores construções mentais de controle, medo e alienação que já se impuseram à humanidade. Sob a ótica do verdadeiro Espiritismo — o que se baseia exclusivamente nas obras de Allan Kardec, estruturado como ciência de observação dos fatos espirituais — essa concepção é desmascarada em suas bases filosóficas, morais e lógicas.

---

1. O Dogma da Queda: Um mito de origem baseado na culpa

O mito da “queda” — presente em diferentes tradições religiosas — parte da ideia de que o Espírito foi criado perfeito, mas caiu por desobediência. Isso implica que a dor, o sofrimento e as imperfeições humanas seriam castigos divinos, consequência de uma culpa original.

Kardec rejeita essa ideia de forma contundente. Em O Livro dos Espíritos, especialmente nas questões 115 a 121, ele demonstra que os Espíritos são criados simples e ignorantes, e que a evolução é fruto de um processo progressivo, natural e racional, e não de uma punição. Não há “queda”: há educação e ascensão. A ignorância inicial não é culpa, é ponto de partida.

---

2. O Inferno: uma construção moralista baseada no medo

O dogma do inferno eterno é ainda mais cruel. Ele não apenas limita a liberdade de pensar, mas cristaliza o erro e eterniza o sofrimento, negando a justiça e a misericórdia divinas.

Kardec combate essa noção em O Céu e o Inferno, demonstrando que não há penas eternas. A justiça divina é proporcional, educativa e regeneradora. O Espírito sofre, sim, mas sofre em razão de sua própria inferioridade moral, que persiste enquanto ele a mantiver. O sofrimento é passageiro, didático, jamais punitivo eterno.

---

3. A falsa espiritualização do castigo: carma, lei de retorno, ação e reação

No Espiritismo verdadeiro, não há lugar para ideias como “carma”, “lei de ação e reação” ou “lei do retorno”, porque tais conceitos implicam uma justiça automática, quase mecânica, que despersonaliza o Espírito e transforma a vida espiritual numa engrenagem de punições e compensações.

Kardec propõe outra lógica: a liberdade moral e o progresso pelo esforço consciente. As consequências dos atos não são castigos impostos de fora, mas

resultados naturais que oferecem ao Espírito oportunidade de compreender, crescer e superar suas limitações. Trata-se de uma pedagogia moral, não de uma contabilidade cósmica.

---

4. O efeito perverso desses dogmas: reforçar o desvio e impedir a evolução

Quando alguém é ensinado a acreditar que já nasce culpado, que está manchado por um pecado original, ou que sofrerá eternamente por suas falhas, esse indivíduo internaliza o medo e, muitas vezes, a desesperança. Ao invés de estimular a transformação, tais ideias cristalizam o erro. O homem passa a crer que é naturalmente mau, indigno, perdido — e, assim, justifica seus próprios desvios ou se acomoda na inércia.

O Espiritismo propõe o contrário: o Espírito é perfectível. Ele é livre para escolher, aprender, errar, corrigir, amar e evoluir. Não há culpa eterna, mas responsabilidade contínua. Não há inferno, mas estados interiores de sofrimento ou paz, conforme a consciência se ilumina.

---

5. Conclusão: o Espiritismo liberta, não condena

A maior libertação que o verdadeiro Espiritismo oferece à humanidade é essa: a destruição dos grilhões da culpa e do medo, substituídos pela luz da razão e da confiança no progresso. Não caímos de um paraíso: estamos subindo, passo a passo, da ignorância à sabedoria, da imperfeição à virtude.

Não somos condenados por existir: fomos criados para evoluir. Esse é o grande legado de Kardec.